deração a planilha de custos elaborada pela FGV.

• Retirar a TR dos financiamentos agrícolas e liberar recursos para investimentos e financiamento da produção, criando um sistema de financiamento e pagamento adequado às características da cultura da cana-de-açúcar.

• Introduzir no sistema de pagamento da cana pelo teor de sacarose e pureza um fator que remunere o fornecedor de cana pelo valor do bagaço, em função do teor de fibra contido na matéria-prima.

2. O que caberá ao fornecedor de cana fazer para sobreviver no setor sucroalcooleiro, a partir das medidas do governo?

• A classe dos fornecedores de cana está consciente de que não basta o governo conceder o preço justo e eliminar a TR dos financiamentos agrícolas, embora isto seja fundamental. Haverá necessidade de trabalhar, também, no sentido de reduzir os custos de produção, sem que haja comprometimento da produtividade agrícola.

A polêmica do álcool combustível

LAURA TETTI*

Os argumentos da Petrobrás são como a velha frase do camarada Lenin: um passo à frente e dois para trás.

No mundo dos grandes blocos econômicos e da globalização, como conquistar o espaço vital das nossas necessidades de desenvolvimento sem investir nas áreas em que apresentamos vantagens comparativas?

É evidente que ser o único país do mundo que já agrega à sua gasolina um volume de quase 1/4 de energético limpo e renovável, que reduz a poluição urbana, gera empregos rurais e ajuda a evitar o inchaço doentio das cidades, que colabora com a redução de um dos mais graves problemas ambientais do planeta — o efeito estufa — é um escandaloso diferencial positivo que conseguimos conquistar. É evidente também que não vai partir dos países que sobrevivem como produtores de petróleo, nem dos países que mantêm em uso o venenoso chumbo tetraetila, a divulgação e a propaganda das vantagens e benefícios propiciados pela adição de 22% de álcool anidro como antidetonante da gasolina. Isto seria tão surrealista quanto um comercial da Coca-Cola convidar os consumidores a *enjoy Pepsi*...

Qualquer criança teria facilidade em responder o que deve custar mais caro: uma coisa útil que é finita ou uma coisa igualmente útil que é renovável e não corre o risco de acabar? Mesmo ignorando as vantagens do álcool para o meio ambiente, a resposta seria óbvia. Mas nem sempre, ou quase nunca, a lógica e o óbvio são elementos definidores do valor e do preço dos produtos. Se falarmos do petróleo, a falta de compromisso com a lógica e com a qualidade de vida fica ainda pior.

É mais barato estar morto do que vivo.

O *know-how* do uso e da produção de energia limpa e renovável, com enorme capacidade de atender à função social de promover desenvolvimento e vida melhor, é um produto que hoje vale muito dinheiro. Em dezembro de 1994, na Reunião de Cúpula das Américas, promovida em Miami, todos os países do continente assinaram o compromisso de eliminar o uso do chumbo na gasolina e de priorizar o emprego de energia de fontes renováveis. Que outra empresa do mundo, além da Petrobrás, sabe operar com competência essa substituição? Quanto pode lucrar a empresa e o país com a venda desse conhecimento? Não seria mais inteligente (e rentável) capitalizar essa nossa vantagem, em vez de ficar discutindo o caro e o barato em relação a um produto cujo valor é estabelecido de forma tão estapafúrdia quanto o petróleo?

Rifar os 22% é rifar o nosso diferencial positivo energético no estratégico e sensível ramo dos combustíveis. É claro que, em termos imediatistas, é mais fácil para a Petrobrás baratear seus custos acabando com os 22% de adição de álcool à gasolina. É mais barato também estar morto do que vivo... Será que faz algum sentido um pai de família (no caso, o nosso governo) defender a morte dos seus filhos (no caso, as alavancas do nosso desenvolvimento)?

Os argumentos da Petrobrás são como a velha frase do camarada Lenin: um passo à frente e dois para trás.

Podem até combinar com o apego de algumas instituições ao passado, mas não dá para não reconhecer que são argumentos fora de moda, ultrapassados e muito mais que apenas velhos... São pouco inteligentes e muito cansativos!

* Consultora de meio ambiente da Rede Globo.